

POR UM DEBATE...!*

Erni José Seibel

Professor do Departamento de Ciências Sociais/CFH/UFSC

Algumas questões assumem relevância quando nos propomos a sugerir um debate deste nível e com este conteúdo.

Primeiramente uma questão que não passa somente pelo mundo acadêmico, mas por toda a sociedade contemporânea, particularmente da sociedade brasileira. Esta questão é a necessidade de pensar um *projeto político e cultural*. O vazio que hoje provoca a indefinição de um projeto político e cultural perpassa todos os segmentos da sociedade, de todos os matizes políticos e ideológicos. Podemos dizer, portanto, que paira sobre nossas cabeças um vácuo.

O eixo central do debate sobre a construção de um projeto político e cultural é a reflexão sobre a modernidade/pós-modernidade. É esta a grande questão!

A Universidade tem como tarefa encaminhar e organizar este debate, no âmbito de suas esferas de influência e articulação.

Alertamos para as possibilidades que este tipo de debate pode desencadear. Encaminhar e organizar a discussão na direção de um projeto político e cultural afirma a instituição Universidade nos seus papéis verdadeiramente reais, seu sentido histórico. Papéis que a deslocam para além dos seus limites burocráticos, papéis que a transformam num “laboratório” propondo à Sociedade a consciência “daquilo que ela é” e da “possibilidade do poder ser”. A Universidade assume, justamente aquilo que a Sociedade espera dela, enquanto centro que insufla a reflexão. Neste sentido, o que hoje se apresenta como uma questão central para sociedade brasileira é a *publicização* da produção do conhecimento e a legitimação da reflexão necessariamente não-acadêmica. *Há mais opiniões pessoais sob o teto de um bom bar do que um coquetel literário* (Morin). Propomos, portanto, não somente um debate sobre um projeto para a Universidade, mas um projeto para a Sociedade, onde obviamente a Universidade definirá também seu papel. Propomos que se organize

* Texto produzido para propor o projeto **Ciclo de Conferências sobre a Pós-Modernidade** “A decadência do futuro e a construção do presente”.

um debate que transponha os seus “muros” e se torne também um debate da e para a Sociedade.

Propomos a partir deste evento que a Universidade *congregue*.

Este traz em si também a possibilidade fantástica de avançar o germe de uma nova superação, a *interdisciplinaridade*. Esta idéia já está na sua agenda. A proposta da Estatuinte a contempla. Mesmo assim esta é ainda uma idéia nova. Ela começa a fermentar pelos corredores e salas de aula. Mas ela sofre os limites rígidos de uma estrutura que não é só da Universidade, mas da maioria das nossas Instituições cada vez mais cristalizadas pela matriz organizacional que “tayloriza-fordiza” todo o processo do conhecimento. Esta matriz organiza também a Universidade (e toda a sua produção científica) como um espaço esquadrinhado, segmentarizado, celular, desconexo. Organiza a noção de tempo linear, serial, repetitivo e cumulativo. É a “matriz da produção”. Nós circulamos nela *ad eternum* e não nos encontramos nunca. Não existe nesta matriz nenhuma possibilidade de proposta acadêmica ou de um projeto político e cultural, que não seja o de um “produto para o mercado”.

O debate sobre a *interdisciplinaridade*, privilegiado na temática proposta neste evento, sugere justamente a reflexão sobre esta “matriz taylorista-fordista” que organiza a produção e reprodução do conhecimento na Universidade, a sua revisão, e a necessidade de propomos novas dimensões e conceitos sobre um novo conceito espaço-temporal, a partir do qual a Universidade se organize. A viabilização da *interdisciplinaridade* é, portanto remetida à definição de um projeto político e cultural.

Uma outra dimensão que o debate a ser suscitado neste evento, intimamente vinculado à busca da *interdisciplinaridade*, é a necessidade urgente da Universidade imbuir-se de um caráter *cosmopolita*. Não pensamos o cosmopolitismo apenas como a internacionalização da circulação e produção do conhecimento. Propomos que ela inicialmente se liberte do seu “localismo”, entendendo por esta expressão a dimensão absoluta de seu universo; não importa em que direção. Propomos que a Universidade possa caminhar *pari passu* com as formas mais elaboradas de reflexão que a sociedade contemporânea está produzindo, sem perder, no entanto, e ao contrário, vinculando também neste caminho as suas particularidades e especificidades locais.

Propomos que a Universidade se *cosmopolitize*.

Este evento possibilita, portanto, instaurar um processo de reflexão congregadora, interdisciplinarizante e cosmopolitizadora.

O que é evidente é que existe um vazio no nosso cotidiano, angústias frente ao imobilismo de cada um diante da violência e da sua banalização. Há um abismo entre o utópico e o possível, a perplexidade diante dos não-acontecimentos, uma perspectiva de não-felicidade, a perda da capacidade em perceber o efêmero e ao mesmo tempo jogar todas as possibilidades no efêmero,

no “aqui e agora”. Circulamos nossos debates em torno de rupturas, limites, viabilidades, alternativas, perspectivas. Muitas vezes em círculos viciosos. Entre o pessimismo e o otimismo. No entanto, “debater é preciso, mas viver também é preciso”.

Polemizar a partir do moderno e do pós-moderno. Este é o princípio!

Existe uma urgência e uma angústia em resolver certas questões. Estamos diante de um esgotamento da modernidade? A “crise” de valores morais que hoje vivemos surge com a chamada pós-modernidade ou com a própria modernidade?

“O pós-modernismo faz a opção pela contingência. E, com ela, opta pelo fragmentado, efêmero volátil, fugaz, pelo acidental e descentrado, pelo presente sem passado e sem futuro, pelos micropoderes, microdesejos, microtextos, pelos signos sem significados, pelas imagens sem referentes, numa palavra, pela indeterminação que se torna, assim, a definição e o modo de liberdade” (Chauí).

Ou será a modernidade um projeto inacabado? (Habermas).

Teria a modernidade como conseqüência a disseminação do ódio ao presente; a recusa das estratégias afirmativas de vida e a criação no aqui-e-agora e o repúdio ao ser, em nome do dever-ser? (Maffesoli).

A pós-modernidade, na versão de Maffesoli, é um campo de vivências lúdico-afetivas, de sociabilidade conflitiva, de disputas e diferenças, de relativismo e éticas tribais, no sentido do reconhecimento da legitimidade dos particularismos no contexto das nações, e um investimento nas pulsões vitais.

“Os homens chafurdaram na crise de identidade, na incerteza, na ausência de referenciais, na estupefação diante do fracasso das mitologias progressistas, na confusão dos gêneros, na espetacularização da política, da vida, do sexo e da morte. A cultura satiriza, experimenta o grauxerox. Mesmo a arte não consegue a transcendência e gira na esfera da banalidade, a estética do cotidiano vazio” (Baudrillard).

Propomos um debate, a partir do qual possamos estabelecer diferenças, definir limites, depurar, elucidar, optar.

“A realidade pós-moderna apresenta-se assim como realidade tática cuja eficácia é diretamente proporcional à sua luta contra a linguagem e ao seu compromisso com a desarticulação dos vários e sutis sistemas de dominação ainda hegemônicos” (Heloísa Buarque de Holanda).

Precisamos debater. Urgentemente!